

A presença de divindades locais nas moedas da Palestina romana: reflexos sobre a interação cultural e religiosa entre romanos e as elites locais

(The presence of local deities on Roman Palestinian coins: reflections on cultural and religious interaction between Romans and local elites)

Vagner Carvalheiro Porto

Universidade de Santo Amaro – UNISA, São Paulo (Brasil)

vc.porto@uol.com.br

Recibido: 17/02/2012

Arbitrado: 27/02/2012

Aceptado: 02/03/2012

RESUMO

Tomando como base a análise iconográfica das moedas, este artigo pretende apresentar uma discussão sobre as relações existentes no Império Romano entre Roma e a província Síria-Palestina. Partindo dessa perspectiva, visamos compreender a relação de Roma com as cidades no âmbito do seu jugo, das formas de resistência existentes, o jogo político-ideológico entre os romanos e as elites locais e as questões políticas, econômicas, sociais, culturais e religiosas daí decorrentes.

PALAVRAS-CHAVES: iconografia monetária, divindades da síria-palestina, Império Romano.

ABSTRACT

Through the use of iconographic analysis, this article aims on presenting a discussion regarding the presence of local Palestinian deities on the coins produced by Palestinian cities during Roman domination of the region. Departing from this, we aim at understanding Rome's relationship with the cities' under its yoke, their resistance, the ideological-political game between Romans and the local elites and the political, economic, social, cultural and religious questions arising therefrom.

KEYWORDS: iconography of coins; Palestinian deities on the coins; Roman Empire

A principal ideia deste artigo¹ é pensar o contato de Roma com o Oriente Próximo pelo olhar da moeda. Não através da produção ou circulação, mas através da análise iconográfica da moeda.

Pretende-se refletir em que medida a presença de divindades nas moedas pode revelar aspectos de afirmação política ou resistência das populações locais frente à dominação romana e também como a instrumentalização política da moeda tanto por romanos quanto pelas elites locais se revelou como um importante caminho na disputa política e ideológica na região.

A análise cuidadosa dos símbolos e legendas das moedas pode nos revelar detalhes sutis da sociedade que produziu a moeda, nos permitindo repensar as relações entre romanos e habitantes locais. Para isso, precisam ser considerados dois pontos: primeiro, diferente de outros objetos a moeda possui um caráter oficial, ela foi batida por uma autoridade emissora e a escolha dos elementos iconográficos nela presentes está diretamente ligada à intencionalidade desse governo. E segundo, o foco dos estudos com a análise da iconografia monetária incidem sobre as elites locais, são elas que têm o direito de emitir moedas com a permissão de Roma.

A região a qual deteremos nossa atenção é a parte oriental do Império Romano, mais especificamente o Oriente Próximo.

Sabe-se que a parcela oriental do Império Romano era bastante diferente do Ocidente². No Oriente cidades já eram bastante estruturadas, principalmente por terem herdado aspectos políticos e culturais decorrentes da presença grega na região. Sabedora dessa realidade oriental, Roma embasou seu domínio no incentivo ao culto imperial, como forma de integração, como elemento de coesão, de unidade, pois se traduzia em diferentes tipos de culto e em diferentes formas de interação com os deuses locais³. Além disso, Roma também investia na concessão da cidadania, na concessão de títulos e na mudança de status das cidades.

Roma entendeu muito bem que as rivalidades entre as cidades das províncias orientais, e sua ânsia por títulos, poderiam se constituir em uma interessante arma para a sustentabilidade da presença romana na região. As cidades competiam com grande energia para obter cada vez mais privilégios de Roma. Sentirem-se prestigiadas por Roma lhes traria cada vez mais vantagens políticas e econômicas, não só com Roma, mas entre as cidades vizinhas também. É possível

¹ Este artigo tem como base comunicação apresentada no XIV International Numismatic Congress ocorrido na Universidade de Glasgow entre 31 de Agosto e 04 de Setembro de 2009, Glasgow, Escócia. Agradeço à profa. Maria Cristina Nicolau Kormikiari Passos, da Universidade de São Paulo, pelas sugestões e profícuos diálogos. Finalmente agradeço à Universidade de Santo Amaro pelo suporte institucional e financeiro.

² F. Millar, *El imperio romano y sus pueblos limítrofes: el mundo mediterráneo en la edad antigua*, Cidade do México, Siglo Veintiuno, 1988, pp. 54-57.

³ F. Millar, *The Roman Near East 31 BC – AD 337*. Cambridge, Harvard University Press, 2001, pp. 35-39.

observar através das legendas das moedas que houve uma verdadeira "guerra de títulos" entre as cidades da Siro-Palestina.

A propósito, já havia uma política de fundação e refundação das cidades e Roma aproveitou-se dessa prática transformando as cidades da região em Colônias. A partir daí, todos os cidadãos das *coloniae* eram considerados cidadãos romanos. As *coloniae* – tal qual o exército – reproduziam o sistema religioso romano no exterior. Os romanos substituíam as já existentes *poleis* por intermédio de um ritual de fundação da nova colônia. Todas as estruturas simbólicas da colônia enfatizavam seu status como 'mini-Romas' a partir do momento de sua fundação, conduzida com ritos que ecoavam a fundação mítica de Roma propriamente dita: os auspícios foram tomados – como Rômulo no bem conhecido mito – o fundador arando em torno do lugar, suspendendo o arado onde os portões deveriam estar; dentro dessas fronteiras definidas, nenhum sepultamento poderia ser feito”⁴.

Alicerçado na leitura de alguns autores como David Mattingly, Charles Whittaker e Richard Hingley, propomos uma leitura mais flexível e multilateral entre Roma e suas províncias, em que as formas de contato de Roma com as províncias tratavam-se, na verdade, de uma relação de mão dupla na qual deva se considerar que os olhares não devem ser conflitivos, mas sim convergentes. Assim, questões como a resistência das populações locais depende do momento histórico e dos interesses e conveniências da elite local; depende de como Roma procurou manipular as elites que estavam no poder em relação às que faziam oposição e como os interesses de ambos podiam ser equacionados.

Têm-se, então, uma utilização das produções monetárias pelos romanos para justificar sua dominação sobre as províncias da Siro-Palestina e de como, através das imagens representadas (em nosso caso a presença de divindades locais nas moedas batidas sob dominação romana), procuraram criar uma política de boa amizade com os povos nativos do local, mas que houve também total lucidez das elites locais quanto a essas questões. E esse é o ponto que queremos enfatizar.

A seguir serão apresentados quatro conjuntos iconográficos que apontam divindades presentes nas moedas de diferentes cidades da Palestina: a representação da deusa *Tyche* (Fortuna para os romanos). Que não é uma divindade local, mas que foi adaptada pelas populações locais a sua realidade política, cultural e religiosa. Fanebal, divindade da cidade de Ascalon, as várias

⁴ M. Beard, J. North, S. Price, *Religions of Rome*, Cambridge, 1998, pp. 56-59.

apresentações do Monte Garizim nas moedas de Neápolis e a presença do deus nabateu Dusares nas moedas de Bosra.

O primeiro caso que mostrarei são as representações da deusa *Tyche*-Fortuna. As representações da deusa *Tyche* variam de cidade para cidade dependendo das características políticas, econômicas ou culturais de cada cidade. Nas cidades costeiras da Palestina os elementos marítimos foram predominantes nas imagens de *Tyche*, em contraste às cidades do interior onde a deusa era representada sem nenhum atributo relativo a este ambiente⁵. A variedade de elementos marinhos tais como a concha (murex), tritão, deus do porto, a âncora, o navio, o leme, a popa e a vela do navio foram utilizadas na iconografia para demonstrar o mar como a fonte principal da subsistência, do bem-estar e da grandeza econômica e política das cidades litorâneas. Podemos observar na moeda de Ascalon (fig. 1), que *Tyche* está em pé sobre a proa de um navio e segura em sua mão esquerda o *aphlaston* (ou *acrostolium*, instrumento usado para medir a força e direção do vento que era colocado na popa do navio).



Fig. 1 - Ascalon sob Domiciano. Data: 81-96 d.C. Metal: bronze.
Anverso: Busto laureado de Domiciano. Legenda grega: CEBACTOC.
Reverso: *Tyche* com coroa em forma de torres em pé sobre proa de navio. Na mão direita estandarte, na mão esquerda *aphlaston*. Altar no campo esquerdo. No campo direito, pomba. Legenda grega: ACKAΛWN. Referência: SNG ANS 1031.

Apesar de sua proximidade geográfica, caráter marítimo similar e cultura greco-romana, as cidades diferiram uma das outras, como a composição étnica, as religiões e o status político de seus habitantes. Cada cidade manteve suas próprias tradições e esforçou-se para enfatizar sua singularidade.

Quanto mais nos afastamos do litoral e rumamos para o interior da Síria-Palestina percebemos que as moedas apresentam *Tyche* com atributos que associam a deusa à esfera do campo, da fecundidade do solo e em algumas cidades com atributos de guerra. Como falamos anteriormente, as moedas são produzidas por uma autoridade emissora oficial, desta forma

⁵ S. Rodan, "Marine *Tyche*-Fortuna: the goddess of the city, luck and chance in the coastal cities of Eretz-Israel", *CMS NEWS - University of Haifa Center for maritime studies*. Haifa, n. 26, 1999, pp. 36-46.

podemos inferir que há uma intencionalidade direta na escolha da deusa *Tyche*-Fortuna ou seus atributos para ser representada nas moedas.

O tipo de *Tyche*-Amazona, representada armada como um soldado romano, foi criado como uma resposta direta à Primeira Revolta dos judeus⁶ (Flavio Josefo, *Antiguidades Judaicas*, XVIII, 240-242) contra os romanos e expressa a tentativa de forçar uma 'Romanização' sobre os judeus que contestavam a assimilação cultural e um esforço para manter uma política independente⁷ (Anderson, 1995, p. 464).

Nas cidades judaicas do interior parece que o tipo de Amazona aparece principalmente durante ou depois das revoltas. Na moeda seguinte (fig. 2) batida em Tiberíades sob Adriano pode-se ver *Tyche*-Amazona com trajes militares.



Fig. 2 – Tiberíades sob Adriano. Data: 117-138 d.C. Metal: bronze. Anverso: busto laureado de Adriano. Reverso: *Tyche*-Amazon (*Tyche* de Tiberíades), com coroa de torres, em pé sobre proa, com busto humano em sua mão direita e cetro em sua mão esquerda. Referência: SNG ANS 1114.

Nas cidades helenísticas, do interior e no Transjordão, seus símbolos militares e políticos desapareceram e *Tyche* muda de deusa da guerra para a deusa da fertilidade. Leais sustentadoras do governo romano, algumas cidades aliaram-se a Roma e superaram com sucesso os judeus que se esforçavam por obter maior domínio territorial na região, assim, essas cidades obtiveram maiores favorecimentos do governo romano como a elevação do status da cidade à Colônia, certas isenções de taxas e mesmo o privilégio de cunhar moedas.

A propósito da discussão sobre a presença de *Tyche* nas cidades do interior e suas diferentes características das cidades litorâneas, uma interessante contribuição de Yakov Meshorer⁸ se faz presente. Este autor nos diz que a figura que aparece nas moedas da cidade de Baniyas (fig. 3) é algo peculiar, pois se distingue por ter sido emitida por uma autoridade judaica, Agripa II, bisneto de Herodes, produzida em nome do recém-imperador Vespasiano. *Tyche* está vestida

⁶ Flavio Josefo, *Antiguidades Judaicas*, XVIII, 240-242. *Obras completas*. Buenos Aires, Acervo Cultural, 1961.

⁷ J.D. Anderson, "The impact of Rome on the periphery: the case of Palestina – Roman period (63a.C. - 324 d.C.)." In: *The Archaeology of Society in the Holy Land*, New York, Facts on File, 1995, pp. 446-69.

⁸ Y. Meshorer, Y., *City-Coins of Eretz-Israel and the Decapolis in the Roman Period*. Jerusalém. 1985.

com um longo Quítón e usa uma coroa que parece ter a forma de um *modius*, a cesta de grãos característica de Deméter, deusa da fertilidade do solo. A figura segura uma cornucópia em sua mão esquerda, o chifre que é característico de ambas: *Tyche* e Deméter. Em sua mão direita, que está estendida, ela segura um feixe de trigo – novamente um atributo de Deméter.



Fig. 3. Baniyas sob Agripa II. Data: 67-100 d.C. Metal: Bronze. Anverso: Busto laureado de Vespasiano. Em inscrição: ΑΥΤΟΚΡΑ ΟΥΕCΠΙΑCΙ ΚΑΙCΑΡΗ CΕΒΑCΤΩ. Reverso: *Tyche*-Deméter em pé segurando ramos de trigo e cornucópia. Em: Inscrição: ΕΤ ΔΙΒΑ / ΑΓΡΗΠΠΙΑ (ano 14 - 74/5 d.C.). Referência: SNG ANS 1078.

É difícil definir esta figura, mas parece tratar-se da deusa *Tyche*, com os atributos de Deméter, quem aparentemente simboliza a cidade na qual as moedas foram produzidas – Baniyas. Normalmente a cidade de Baniyas é simbolizada por uma mão segurando grãos de trigo.

Ao primeiro sinal, o aparecimento de uma deusa greco-romana sobre uma moeda judaica é surpreendente, mas ela não é uma das divindades chefes do panteão greco-romano, que eram considerados uma abominação entre os judeus ortodoxos. Os judeus adotaram uma atitude tolerante para um número de figuras do mundo externo a eles, porque elas eram consideradas como símbolos de atributos ou conceitos abstratos. Assim, *Tyche*, a deusa de uma fortuna da cidade, aqui simboliza a prosperidade econômica com atributos da fertilidade em suas mãos⁹.

As representações da deusa *Tyche* atestam claramente o uso político de Roma para com as cidades das províncias orientais, mas não podemos esquecer que são líderes locais que tem o direito de emitir moedas e que por desejarem um bom relacionamento com Roma escolheram representar em suas moedas uma deusa greco-romana que também os favorece.

Contrastando com o caso observado acima da representação de uma deusa greco-romana, mostraremos agora moedas com a representação do deus local Fanebal nas moedas da cidade de Ascalon. Fanebal, é uma divindade própria de Ascalon, se destaca por aparecer em várias emissões dessa cidade. Acredita-se que essa divindade tenha sido uma fusão das divindades Baal

⁹ Y. Meshorer, Y., *A Treasury of Jewish Coins*. Jerusalém, Yad Ben-Zvi Press, 2001, pp. 102-108.

e Tanit. Podemos ver pela figura 5 que Fanebal aparece como um deus da guerra, usando um elmo, empunhando uma espada ou arpão em sua mão direita e um escudo e uma palma em sua mão esquerda. Também se pode destacar a estrutura de um templo de Fanebal visto de dentro para fora aparecendo nas moedas (fig 4). A representação desse templo assim como as muitas representações do próprio Fanebal, mostram como os habitantes de Ascalon davam importância para seus cultos locais e como os vários imperadores romanos Tibério, Calígula, Nero, Vespasiano, Trajano e Adriano que passaram pelo poder não interferiram na representação de Fanebal sobre as moedas.



Fig. 4 - Ascalon sob Antoninus Pius.
Data: 138-161 d.C. Metal: bronze.
Referência: SNG ANS 1099.



Fig. 5 - Ascalon sob Adriano.
Data: 117-138 d.C. Metal: bronze.
Referência: SNG ANS 1101.

Nossa próxima observação é sobre as moedas de Neapolis que representam o Monte Garizim e que foram emitidas sob três diferentes imperadores romanos. Na primeira (fig. 6), emitida sob Antoninus Pius, aparece o Monte Garizim com escada íngreme ascendente com o templo no topo; à direita, num segundo pico, um altar; possui legenda em grego que significa Flavia Neapolis, que está na Síria-Palestina.

A segunda moeda (fig. 7), batida sob Volusiano mostra em seu reverso Zeus-Ammon em pé virado para a esquerda com o braço estendido em direção ao Monte Garizim, na parte inferior do centro do conjunto imagético um carneiro olhando para trás. À esquerda apresenta-se um estandarte da legião Cirenaica que estava estacionada em Neapolis à época de Volusiano. E, entre o estandarte e o carneiro aparece uma espiga de trigo.

E a terceira moeda por nós escolhida (fig. 8) foi emitida sob Trebonianus Gallus e seu reverso mostra uma figura feminina em pé, segurando uma cornucópia, abaixo, a representação da loba amamentando os gêmeos Rômulo e Remo; a figura feminina é ladeada por ambos os lados por dois templos em forma de gaiola com pombas; acima se apresenta o Monte Garizim.



Fig. 6- Neapolis sob Antoninus Pius. Data: 138-161 d.C. Metal bronze. Referência: SNG ANS 1132.



Fig. 7 - Neapolis sob Volusiano. Data: 251-253 d.C. Metal: Bronze. Referência: SNG ANS 1133.



FIG. 8 - Neapolis sob Trebonianus Gallus. Data: 251-253 d.C. Metal: bronze. Referência: SNG ANS 1134.

Adriano construiu sobre o Monte Garizim, um grande templo no lugar do templo samaritano (Neapolis era um cidade samaritana), dedicado a adoração de Zeus-Hypsistos (“Júpiter, o deus supremo”). Trataria de um culto “sincrético”, que combinou a crença oriental romano-helenística com a crença monoteísta dos samaritanos? Como vimos o templo possuía uma enorme estrutura, que incluía um portentoso altar sobre o outro pico da montanha com um impressionante conjunto de escadarias em caracol que conduzia a ele, e com um enorme portão cerimonial. Todos esses elementos arquiteturais aparecem com riqueza de detalhes nas moedas de Antoninus Pius em diante. No caso de Neápolis, assim como ocorrera com Tiberíades, a elevação de status parece estar diretamente ligada a uma recompensa pela lealdade demonstrada por essas cidades durante a Primeira Revolta dos judeus contra os romanos.

Por fim, o quarto e último exemplo a ser abordado neste artigo é o da presença do templo do deus-rio nabateu Dusares (fig. 9).



FIG. 9 - Bosra sob Alexander Severus.
Data: 222-235 d. C. Metal: bronze. Referência: SNG ANS 1141.

Esta representação do templo de Dusares evidencia a importância do rio para a economia da cidade. Como podemos notar, ela possui o esquema iconográfico em que o imperador é representado no ato de fundação da cidade. Acima do boi e da vaca está a representação do altar do deus Dusares que era a divindade principal da cidade de Bosra e foi associada a Baco. A presença de um altar do deus nabateu Dusares nessa moeda evidencia uma linha bastante tênue entre estratégia político-ideológica dos romanos e resistência das populações locais. Por um lado,

faz parte de uma estratégia romana, que visa mostrar um entrosamento de Roma com o povo local ao insinuar uma cumplicidade religiosa: um rito de fundação romano na essência observado e admitido pela divindade mais importante da cidade, Dusares. O reflexo dessa cumplicidade religiosa era pretendido pelos romanos para mostrar seu posicionamento de senhores das províncias, mas senhores justos. Por outro lado, pode-se inferir que a presença do altar de Dusares representa simbolicamente uma proclamação de nacionalismo e de autonomia dos povos que habitavam essa região. Como não pensar que os romanos das legiões estacionadas na região, assim como aqueles romanos que escolheram aquelas paragens para habitar não estivessem influenciados pelo cotidiano dos rituais ligados a Dusares? Como dissemos acima, a linha que divide as duas possibilidades é muito tênue, e nesse complexo universo que foi o Império Romano, talvez o mais correto seja considerar essas duas possibilidades.

Neste breve trabalho procuramos discutir as relações de Roma com suas províncias orientais a partir da presença de divindades nas moedas. Fato muito pouco considerado pelos estudiosos do Império Romano. Apontamos caminhos para algumas reflexões e acreditamos que a análise iconográfica da moeda permite observar alguns traços de continuidades e descontinuidades que existiram entre Roma e suas províncias.

Há que se pensar na presença de tantas divindades próprias a cada cidade nas emissões locais sob dominação romana, de se analisar a impressionante capacidade do Império Romano de trabalhar ideologicamente com o culto dessas divindades e sua representação nas moedas, mas também há que se considerar a também impressionante sagacidade das autoridades locais em perceber esse “jogo” dos romanos e mergulhados nesse contexto fazer prevalecer sua cultura e a cultura de seu povo.

BIBLIOGRAFIA

J.D. Anderson, “The impact of Rome on the periphery: the case of Palestina – Roman period (63a.C. - 324 d.C.)”. In: *The Archaeology of Society in the Holy Land*, New York, Facts on File, 1995, pp. 446-69.

M. Beard, J.North, S.Price, *Religions of Rome*, Cambridge, 1998, pp. 313-63.

Flavio Josefo, “Antiguidades Judaicas”, XVIII, 240-242. Obras completas. Buenos Aires, Acervo Cultural, 1961.

- R. Hingley, "Resistance and domination: social change in Roman Britain". In: D. Mattingly, (ed), "Dialogues in Roman Imperialism: Power, Discourse and Discrepant Experiences in the Roman Empire". *Journal of Roman Archaeology*, Supplementary series No. 23. Portsmouth, Rhode Island, USA, 1997, pp. 81-102.
- D. J. Mattingly, "Dialogues of power and experience in the Roman Empire". In: D. Mattingly, (ed), "Dialogues in Roman Imperialism: Power, Discourse and Discrepant Experiences in the Roman Empire". *Journal of Roman Archaeology*, Supplementary series No. 23. Portsmouth, Rhode Island, USA, 1997, pp. 7-26.
- Y. Meshorer, *City-Coins of Eretz-Israel and the Decapolis in the Roman Period*. Jerusalém, Israel Museum, 1985.
- Y. Meshorer, *A Treasury of Jewish Coins*. Jerusalém, Yad Ben-Zvi Press, 2001.
- F. Millar, *El imperio romano y sus pueblos limítrofes: el mundo mediterráneo en la edad antigua*, Cidade do México, Siglo Veintiuno, 1988.
- F. Millar, *The Roman Near East 31 BC – AD 337*. Cambridge, Harvard University Press, 2001.
- S. Rodan, "Marine Tyche-Fortuna: the goddess of the city, luck and chance in the coastal cities of Eretz-Israel", *CMS NEWS - University of Haifa Center for maritime studies*. Haifa, n. 26 (Dezembro 1999), 1999, pp. 36-46.
- SNG ANS - *Sylloge Nummorum Graecorum. The Collection of the American Numismatic Society, Parte 6: Palestine – South Arabia*. New York, 1981.
- C.R. Whittaker, "Imperialism and culture: the Roman initiative", *Journal of Roman Archaeology* 23, 1997, pp. 143-63.